

**Entrevistado: Frei Moacir Busarello**

**Entrevistadora e roteiro: Danila Barbosa de Castilho**

**Participante: José Bonifácio Alves da Silva (Boni).**

**Duração: 1 hora, 14 minutos e 1 segundo.**

**Local: Convento das Mercês, Curitiba/PR**

**Danila:** Frei, eu gostaria que o senhor começasse contando um pouquinho da história de vida do senhor.

**Frei Moacir:** Eu sou o Frei Moacir Busarello. Como o próprio sobrenome já diz, descendente de italianos e de austríaco, um pouco, norte da Itália e Áustria. Descendente de avós vindos de lá. Bom, sou catarinense, nascido, na época, cidade de Taió, numa pequena comunidade chamada de São Luiz [atualmente pertence à cidade de Salete/SC]. A minha história de infância é uma história feita pela mãe. Sou o primogênito de 12. Aí, eles perguntam: “você é o mais velho? Não, eu sou o primeiro”.

**Danila e Boni:** [risos].

**Frei Moacir:** Estamos todos vivos. Fizemos uma associação para não dividir o patrimônio pequeno dos pais. Eu tive a graça de passar agora quase um mês lá naquela associação que é uma sede fantástica.

**Boni:** Uma associação de irmãos...

**Frei Moacir:** Irmãos.

**Boni:** Legal.

**Frei Moacir:** Então, tudo aquilo que os irmãos herdaram, principalmente, a honradez e o testemunho deles lá ficou impresso agora numa grande obra que temos lá. Eu tive uma infância, assim, digamos, privilegiada por ser o primeiro. Depois de mim, vieram duas irmãs. A minha infância foi muito curta na família, porém muito plena e que se desabrocha até hoje em mim. Eu saí de casa muito jovem, muito pequeno. Toda a minha juventude, praticamente, foi no seminário. Passaram dois, três, missionários... Inclusive, um deles está aqui, com 96 anos, de cama. É da família Mikeli, daqui, perto de Curitiba. Eu me encantei, com os meus 8 anos, 8 anos e meio, com o jeito deles, com o modo dele ser. Frade Capuchinho Veino. Eles ficaram uma semana. Não lembro, absolutamente, de nada do que disseram. Lembro só da imagem deles na frente da igreja, os dois, brincando com as crianças lá.

**Boni:** Já era aqui nas Mercês já?

**Danila:** Não, lá em Santa Catarina...

**Frei Moacir:** Lá em Santa Catarina.

**Boni:** O senhor começou lá...

**Frei Moacir:** Lá em Santa Catarina. Aí, então, eu disse: “eu quero ir com eles”. Eu fui descobrir mais tarde que eu era preparado para ir ao seminário de lá. Perto, uns 15km.

Eu chamaria isso de um chamado hoje, olhando daqui para lá. Houve um chamado, houve uma atração e eu entrei no seminário mais rigoroso do Brasil de capuchinhos. Quem entra lá, com 10 anos, só volta para ver os pais padre. Se volta antes, é porque desistiu. E lá fui eu. Então, a minha infância e a minha adolescência foi dentro de um regime de seminário muito fechado, grupos grandes. A minha juventude, praticamente, começou depois desse período, depois de padre, praticamente. Tanto que hoje me identifico mais com os sobrinhos, de uns 30 e 40 anos, primeira geração, do que com meus irmãos. Eu não convivi com eles. A minha, digamos, juventude foi dentro do seminário. Não nos moldes como o Frei Eurico planejou. Eu tive a graça de, depois de ordenado presbítero, todo ano dar um cheiro na família. E isto me fez muito bem, porque eu vi os meus sobrinhos nascendo e crescendo. E aí, fui viver certas áreas da minha personalidade e da afetividade, sobretudo, com esses meninos. Então, a minha vivência, digamos, de jovem foi dentro do seminário.

**Danila:** E como é que foi esse período?

**Frei Moacir:** Era um regime que não se tinha férias, aulas internas, professores internos. Era o tempo do admissão, curso de admissão. Corresponde hoje à faculdade. O que fizesse o curso de admissão... Curso, eminentemente, humanístico... Muito pouco técnico. E tinha um *status*, digamos, bem elevado em termos de cultura, em termos de humanismo. Tanto que, quando eu voltei, depois de 8 anos.... Fiquei 8 anos sem ver o pai e a mãe e sem conhecer os pequenos que nasceram depois.... O pai acreditou que eu tinha desistido. Então, ele já tinha providenciado um emprego em um banco, mas eu retornei, novamente, para o noviciado. A partir desta, digamos, vivência... Estudei em Ponta Grossa 2 anos, nos anos [19]61 e [19]62, quando abriu o convento lá, o Bom Jesus.

**Danila:** Bom Jesus...

**Frei Moacir:** Depois, fiz 4 anos de Teologia aqui [nas Mercês]. Então, os estudos eram internos e não tínhamos férias. Era um regime muito bem elaborado de ocupação e trabalho. Muitos trabalhos. Também, principalmente... Também agrários... Plantio de uvas, criação de abelhas... O meu trabalho era de marcenaria. O meu trabalho era, assim, de torno. Eu convivi, nessa fase de juventude, com a faixa de 120 a 140 seminaristas. Então, era muito bem trabalhado lá a educação, a formação. Quem saiu do seminário, deixou depois de 2 ou 3 anos, certamente. Principalmente, no nível de igreja, porque havia a transição de uma igreja clássica, anterior, para uma igreja nova. No limite dos anos [19]66, [19]64, com o Concílio Vaticano II, essa grande assembleia. Então, os jovens que passaram por aquela mudança, pelo mundo masculino e feminino, passaram pelos colégios, tornaram-se os líderes das comunidades novas. Deixava-se um sistema e começou outro. Você vê que Deus conduz direito por linhas... Nós temos planos e Ele tem outros... Então, na verdade, há uma igreja feita não mais tanto de padres, mas de batizados. Leigos como vocês estão atuando. Mais ou menos, sinteticamente, é essa a história. É ordenado padre... E o sonho de ser missionário, como aqueles dois [capuchinhos que foram na região em que ele morava], sempre ficou... Antes de tudo. Mas eles me encaminharam para o processo, digamos, educacional, formativo. Me deram a chance de estudar na universidade federal de Florianópolis [UFSC], na estadual [UDESC] também. Aí eu fui lecionar em Ponta Grossa de [19]72 a [19]77.

**Boni:** O senhor fez duas faculdades né?

**Frei Moacir:** Duas...

**Boni:** A Teologia e a Filosofia...

**Frei Moacir:** Não. A Filosofia pura na Federal e a Educação, ou seja, a Pedagogia na...

**Boni:** A Pedagogia...

**Frei Moacir:** A Pedagogia para cargos técnicos.

**Boni:** O senhor formou em Pedagogia numa...

**Frei Moacir:** Na estadual...

**Boni:** Na Estadual de Santa Catarina.

**Frei Moacir:** Na UDESC.

**Boni:** Na UDESC...

**Frei Moacir:** E na Federal de Santa Catarina...

**Boni:** Fez Filosofia na Federal de Santa Catarina...

**Frei Moacir:** Fiquei 4 anos aí [na UFSC]... Tempo em que o norte da ilha não tinha nada. Eram só açorianos.

**Boni:** Ah é...

**Frei Moacir:** Só açorianos. Então, eu trabalhei ali, em fins de semana, com essas comunidades.

**Boni:** Açorianos o que são? Que comunidades?

**Frei Moacir:** Descendentes da ilha de Açores.

**Boni:** Hum...

**Frei Moacir:** São os que foram... Os que eram contra a realeza, Portugal, eles voltavam para Açores. Mas, eram revolucionários, eram pessoas de... Em Açores criaram problemas e desterraram para Santa Catarina, ilha de Santa Catarina, chamada de ilha do Desterro.

**Boni:** Chamada ilha do Desterro... Isso antes de ser...

**Frei Moacir:** Isso antes de ser a capital... Então, ali a gente viveu a experiência de anos de pé no chão junto com os manezinhos, assim chamados... Antioquia, Peixinho... Vida

tranquila. Ao mesmo tempo, à nível acadêmico, superior. Foi nesse período, a partir de [19]72, que eu passei a conviver com o Frei Eurico.

**Danila:** O senhor e ele eram da mesma cidade, mas no seminário não [se encontraram]...

**Frei Moacir:** Mas ele entrou antes, formou-se antes...

**Boni:** Ele era mais velho que o senhor?

**Frei Moacir:** Sim, ele entrou dois anos antes que eu. Acho que hoje ele estaria com uns 78, 79 [anos].

**Boni:** Hum...

**Frei Moacir:** Então, a partir deste encontro com ele...

**Boni:** No seminário...

**Frei Moacir:** Entrei para lecionar Filosofia, matérias filosóficas e Sociologia. Sempre tive a graça de lecionar matérias que ficam livres para o social, o psicológico, para a nossa abstração. O Frei Eurico é este homem de um calor imenso. Os filósofos eram na faixa dos 30 [anos]. Ali, na Bom Jesus, ele era encarregado de dar aulas e era o diretor. Em uma palestra ele os [seminaristas] elevava até... Tinha uma impressionante oratória, uma convicção... Depois, com os jovens também... Ele tinha essa capacidade. Neste período... Você quer interromper?

**Danila:** Não, pode ir falando...

**Frei Moacir:** Neste período, é que começou-se a haver uma renovação nossa, dos freis, e da Ordem Franciscana Secular, que seria o ramo secular do ideal franciscano, de São Francisco'. E, ali, acontece que ele [o Frei Eurico] disse: "reformatar a nós, já vividos naquele sistema, vai ser difícil". Então, ele implantou, dentro do nosso grupo de freis, uma nova mentalidade.

**Boni:** Ele era o diretor do seminário.

**Frei Moacir:** Diretor... Uma nova mentalidade, um novo jeito de ser. Não entrava-se mais para ser padre capuchinho. Eu entrei nesse sentido. Agora, a formação é para ser frei. Eventualmente, depois, padre. Então, todo o processo formativo foi canalizado para um ideal religioso, mais do que presbiteral. Então, ele fez uma... Implantou uma reforma a partir do mundo jovem. Bom, eu mexer com os anciões da Ordem Franciscana Secular, não tem sentido. Vou começar de novo. Aí começou a JUFRA, a Juventude Franciscana. E a Juventude Franciscana seria o que? Colocar um ideal humano que está nesses jovens que alimentasse o sonho e o ideal de mudar a sociedade. Esse era o grande sonho. Não tanto como organização social, nem entrando para a ordem, muito institucionalizada, mas formando uma nova. Este é o grande sonho que ele implantou.

**Boni:** Nessa época, no seminário, qual era a presença da Ordem Franciscana Secular?

**Frei Moacir:** Ela [a Terceira Ordem] acabou se institucionalizando. E, pela nossa história brasileira, acabou sendo como uma espécie de... As famosas irmandades, muito fortes no nordeste e no Rio de Janeiro. Irmandades que era a fachada católica, mas eram maçônicas. E que detinham o poder das obras grandes de igrejas, cemitérios, santas casas... Grandes obras, porque na época igreja era subsidiada pelo Estado. Daí, houve a ruptura na proclamação da república. Nós herdamos um pouco dessa história no começo. Tinha até um nome bonito... Ordem do Santíssimo Sacramento Imaculado... Mas, por exemplo, só era trabalhado um sonho pouco... Digamos, não tão cristão. Então, adquiriram certos vícios essas ordens e que não podíamos mais mudar. Então, ele [Frei Eurico] pensava numa renovação, não apenas de gente jovem ingressando, mas formando uma nova ordem franciscana com propósitos e compromissos modernos, atuais. E, de fato, esses jovens que passaram pela formação da JUFRA em Paraná, Santa Catarina e para fora também, emplacou nacionalmente. Nós temos uma floração imensa. Na época, jovens, e, hoje, doutores, formados, etc. que, embora não pertençam a uma estrutura e a uma organização, estão atuando com essa história, que é o ideal da gente. As organizações valem até o ponto que ajuda a pessoa a se lançar. Então, ele [o Frei Eurico] começou lá, humildemente, com aquele grupo e o curso que ele dava... Os textos em três etapas. Tem o TBJ e tem os nomes deles. A primeira base era ajudar esses meninos e meninas a se organizarem em grupo, o método do silêncio e o respeito mútuo. A parte mais básica era o humano. Depois, partiria para o humanismo e a terceira etapa era o humanismo cristão. Eram três dias fechados... Muito bem feito... Não era tanto numa linha de Cursilho... Era muito libertadora, ajudava a pessoa a se libertar, envolvendo sociologia, psicologia muito forte, humanismo... Começou do básico... E, a partir daí, haveria uma ascensão para valores um pouco mais humanos, no mínimo. Porque não se pode falar num cristianismo que não seja humano. Tanto que o filho de Deus se encarnou. Então, foi ganho fogo, foi fôlego... Era época que tinha muitos movimentos surgindo e a JUFRA se apresentou como uma alternativa muito mais concreta, mais pé no chão. Ele [Frei Eurico] sofreu muito com isso: oposições, dificuldades até de bispo, do bispo local, na época... Então, ele trabalhava nesta área. Já ia nascendo também a SEARA, na época, foi fundada ali, e a nossa formação...

**Boni:** Porque não houve uma aceitação, assim, mais...

**Frei Moacir:** Porque mexe com... Inclusive, foi no período da revolução militar [golpe de 1964] e tínhamos penetras [agentes do regime infiltrados]... Ali perto do 13, do quartel, tínhamos jovens que eram da JUFRA, mas eles eram espões também.

**Boni:** Tinha uma escuta lá...

**Frei Moacir:** Porque ele [Frei Eurico] tentava colocar a pessoa para pensar, a pessoa à fazer a sua opção, a não ser subordinado...

**Boni:** O Frei Eurico tinha uma orientação política?

**Frei Moacir:** Ô... Muito... Excelentemente política. Embora, não politicagem. É claro que isto estremecia um pouco [as relações]...

**Danila:** Ele, em algum momento, chegou a comentar como que ele pensava, como que ele via... A JUFRA não tinha um posicionamento político oficial, de resistência e nem nada...

**Frei Moacir:** Não. Não mexia com isso. Não entrava no aspecto, digamos, de polemizar... A situação do momento, o que estava acontecendo... Não. “Eu quero formar jovens para serem franciscanos”. Então, não tinham pé para acusá-lo sobre nada. A intenção dele era muito boa e correta. Atravessamos todo o período da revolução militar, digamos assim, imunes, sem interferência. Ela foi se expandindo à pedido de franciscanos daqui e de lá de longe, até a Bahia. Fizemos, numa ocasião, uma viagem de Ponta Grossa a Salvador de Kombi.

**Boni:** Aventura né...

**Frei Moacir:** Kombi... Aventura... Acampamos duas noites na Baixada Fluminense e depois não sei onde. Lá [em Salvador] foi feita a implantação, colocado como é que é... Então, na verdade, o que ele gerou, ganhou âmbito nacional. Hoje, a JUFRA continua. Não sei... Agora, mudaram um pouco. Adaptaram um pouco os sistemas... Abrandaram um pouco, porque era bastante rígido. Os grupos continuam e... Eu não sei como é... Digamos, basicamente, o que ele colocou lá segue. Treinamento, treinamento, treinamento e treinamento... Esse treinamento significava não delimitar as capacidades, mas colocar nelas impetuosidade para gerar energia em comunhão, em comunidade. O Frei Eurico sofreu muito. Sofreu muito não só pelas expressões externas, mas ele como pessoa, os atritos interiores, os conflitos. Uma fecundidade imensa...

**Boni:** A JUFRA pretendia ser um movimento de vanguarda naquela época...

**Frei Moacir:** Uhum...

**Boni:** Movimento de vanguarda...

**Frei Moacir:** Sem dúvida. Se ele tivesse, digamos, vivido mais tempo, certamente, teria sido mais... Mas, nos últimos anos, três últimos anos, ele dedicou mais a SEARA, que é um grupo que nasceu praticamente da JUFRA e seria uma organização leiga, não religiosa. Então, ele tinha a intenção de fazer para mulheres, jovens, rapazes e casais. Então, seria, digamos, a Ordem Franciscana, com mais esse nome, mas atuando na história. Então, a SEARA faz o quê? Tem os encontros, são leigas profissionais espalhadas por aí. Tem a sede, se encontram de vez em quando.

**Boni:** Mas elas não ficam na sede... Elas estão espalhadas...

**Frei Moacir:** Não, não. Estão espalhadas. A sede é só para revigorar, para um retiro, uma assembleia, uma orientação. Quer dizer, super moderno na época. E, por isso mesmo, dentro da igreja encontrou certa dificuldade. Mas, porque somos uma ordem, somos uma organização muito grande, está super protegida.

**Danila:** Quais eram os movimentos que tinham mais força nesse período?

**Frei Moacir:** Era o TLC. O mais forte seria o genérico. Para casados, para casadas, seria o cursilismo. E o TLC. Seria o Treinamento de Lideranças Cristãs. Nessa linha um pouco mais... Digamos, menos franciscana... E debaixo, digamos, ou a partir desses TLCs que surgiram depois, 10 anos depois, movimentos de toda espécie de cristãos. Houve uma revolução também, uma virada um pouco do TLC, a partir da década de 1990, uma espécie de intervenção de Roma sobre a formação dos padres e direção da

igreja. Daí, começaram a surgir movimentos carismáticos. Toda a movimentação carismática não deixa de ser uma mãozinha americana, era para inibir os movimentos que eram sociais.

**Danila:** Bater de frente com a ideologia deles...

**Frei Moacir:** São os pendulares da história... Quando o pêndulo chega a quase ficar paradinho, vem mais um soco e... É por isso que a igreja... O cristianismo... Não falo a igreja. O cristianismo tem a fecundidade para séculos a fora.

**Boni:** Eu lembrei agora que o senhor falou que... O senhor estava falando da formação do senhor no seminário e falou que era muito diferente daquilo que o Frei Eurico pensava de formação, porque ele foi diretor do seminário lá de Ponta Grossa.

**Frei Moacir:** Exatamente...

**Boni:** Por quê? Qual era a diferença que ele pensava da formação?

**Frei Moacir:** Eu saí de um esquema clericalista, clérigo como centro da igreja, para uma igreja de batizados. E, nessa, a gente passou... Eu passei a etapa minha de formação... Na formação que eu tive, que eu chamaria de fôrma, passou a ganhar uma forma. Então, eu saí da fôrma jurídica e institucionalizada para uma forma de vida de fazer brotar os valores, sonhos e ideais, que nós chamaríamos hoje de... Muito mais do que carisma, seria uma mística, acreditar num mundo novo, apostar na paz mundial. Mística seria isso, a partir de um pressuposto evangélico. Então, a partir, digamos, deste... Também a faculdade me abriu para o mundo. Todo o cabedal que eu recebi antes foi sendo reelaborado para uma nova realidade. O meu sonho de menino de ser frei, de andar no meio do povo, ele veio, exatamente, quando eu completei 50 anos de frei. Eu estava em Florianópolis e o superior disse: “você não gostaria de ser missionário?” Eu digo: “ser...” Aquilo mexeu comigo. “Se eu não fui até agora, agora eu vou ser”. Só que o Senhor me conduziu para o ser missionário dentro da instituição, mudando a instituição. Eu, hoje, entendo que foi uma missão. Foi nela que eu fui reelaborando todos os valores, porque, se eu vou dar uma instrução para vocês, eu tenho que acreditar nisso. E foi, então, que o senhor me preparou durante 50 anos ali para ser missionário. Aí, então, fui para a Amazônia, Humaitá, na diocese. E também dentro, digamos, de um estar com os ribeirinhos, pé no chão, aquela realidade... Gosto muito disso. Mas, a diocese precisando, acabou me colocando - depois de 4, 5 anos - dentro de uns esquemas tradicionais. Vejo o futuro, digamos, da ambientação das comunidades chamadas de paróquias hoje. Nós teremos mais padres, quem sabe... Tomara que seja em breve né. Esses diáconos permanentes podem ser ordenados padres, não para pegar uma paróquia, mas para atuar na sua comunidade como leigo, mudando completamente as estruturas.

**Danila:** Nossa...

**Frei Moacir:** Então, esta é a perspectiva. Esta é a visão que eu alimento e vai acontecer. Não é que eles vão ter que casar padres, mas ordenar casais que é muito mais substancial. Então, quando eu alimento esses sonhos e ideais, podem demorar - eu vou para a glória eterna antes - mas vai acontecer. Então, se eu acredito nisso, eu chamo de

mística. Essa mística me faz, digamos, flutuar, boiar sobre as vicissitudes da história, dos acontecimentos. Adiante né... Bom, fechou o parênteses, depois vocês usem...

**Danila:** Pode deixar.

**Frei Moacir:** O Frei Eurico foi uma pessoa que, posteriormente à minha formação toda, me ajudou muito. Ele era muito idealista. Puro coração. E, talvez, às vezes, a cabeça [o racional] ficava um pouco [secundarizada]... Então, eu tinha que ser, como vice-diretor, aquele que balanceava um pouco com ele.

**Boni:** O senhor foi vice-diretor na época...

**Frei Moacir:** Fui vice-diretor... Conflito, briga... Mandaram-me para Roma em 1977/1978 e ele [Frei Eurico] me mandava todo o material da SEARA para trabalhar com o jesuíta, meu professor, Beier. E o Beier dizia: “este é o verdadeiro sentido da igreja nova”.

**Boni:** Do Vaticano II...

**Frei Moacir:** Ele deu um apoio muito grande... Então, o Frei Eurico tinha momentos que me rejeitava, porque eu ficava pegando no pé. Tinha hora que certas previsões iam se formando: “este menino não tem condições de continuar”. “Não, não...” Depois, ele via que, de fato... Vivi estes 7 anos com ele, praticamente, fazendo este [trabalho]...

**Boni:** O senhor fazia mais ele colocar o pé no chão... Se não ele saia muito...

**Frei Moacir:** Muito, muito... Filósofo e Teólogo. Ele dominava todas as matérias. Agora fico por conta de você perguntar o que lhe interessa, porque você está dentro de um quadro né...

**Danila:** O Frei Eurico também foi para Roma estudar, não é?

**Frei Moacir:** Foi. Antes de fazer a JUFRA e de fazer tudo isso, ele fez Filosofia. Só que ele era tão inteligente, tão esperto, que a Filosofia ele fez e, ao mesmo tempo, ele fez espiritualidade, fez franciscanismo... Dois anos que ele ficou lá [em Roma]. Ele retornou como um... Talvez, foi lá que ele andou chocando diante da mudança de igreja, do método de igreja. Foi chocando uma maneira nova de ser. A ideia principal era esta: ficar martelando em cima do que está institucionalizado, pessoas que estão lá [no clero], não adianta. É preciso começar da nova geração e dar algo de novo. Então, como organização, a JUFRA está organizada. Tem muitos que passaram para a Ordem Terceira Franciscana nova, não a que tinha. Então, nasceram fraternidades novas. Ainda está acontecendo. Temos os freis que acompanham aqui. Ele [Frei Eurico], com isto, conseguiu, quem sabe, não, talvez, montar um esquema visível muito forte. Também porque a época não permitia. Mas, ele acabou por mexer nas bases da estrutura. É por aí... A proposta do evangelho é essa: não adianta mexer com os grandes, com o clero, com Roma, com César, com o templo, tem que mexer aqui embaixo. [Cristo] Colocou essa novidade de interpretação da lei, chamada de universal, os dez mandamentos. Ele disse: “vocês interpretaram errado. É diferente”. Então, eu creio que a obra do Frei Eurico é uma obra que pode não aparecer muito. E, agora, vocês estão vasculhando tudo isso né. Mas, ela certamente produziu um efeito, digamos, subterrâneo muito forte,

muito forte. Você fala com as que começaram com ele, fora da SEARA... É uma impressão. A par disso, ele fez com que essa obra fosse colocada em papel: tem escritos, tem as obras. Se você pegar lá os TBJs, você vai ver como é feita a organização. Então, ele fez questão de colocar por escrito. Muito mais do que ele ia escrever... Eu acho que ele foi dormir tarde naquela noite [que faleceu] e deixou lá preparado para a manhã seguinte. E, na manhã seguinte, ele estava dando graças daqui. Mas, certamente, ele era um gênio e, como tal, não coube nas estruturas da própria província. Eu era o superior na época. “Não, eu vou deixar e ficar com a SEARA”. Eu disse: “não, de jeito nenhum. Você vai continuar na província. Você é frade menor e vai trabalhar”. Então, se aliviava. Mas, ele tinha muito esses conflitos. Ideal, sonho e estrutura. E, hoje, o nosso conflito de igreja é esse. Não só de igreja, mas de família.

**Boni:** Em várias instituições...

**Frei Moacir:** Entre os modelos familiares, hoje é diferente... Outros modelos...

**Boni:** Outros modelos né...

**Frei Moacir:** Outro modelo. E as respostas que o papa dá, diante dessas polêmicas... Então, o problema hoje de casamentos, modelos de casamentos: gays, lésbicas e tais... Pergunte: qual é o seu parecer senhor? “Quem sou eu para julgar?”

**Boni:** Uhum...

**Frei Moacir:** Chegou um jornalista, e ele [o papa] estava um pouco assim... Ele só veste aquele branco lá, não tem nada de pomposidade né. Chegou no aeroporto [o papa] e todo mundo via que era o papa. O jornalista disse [para o papa]: “quem é o senhor?” “Ah, eu sou um grande pecador”. O que o jornalista vai fazer?

**Todos:** [risos]

**Frei Moacir:** Ele tem essas tiradas que são espontâneas, nascem de dentro, não é montado. Ele está balançando tudo com a sua postura. O Frei Eurico tinha essa postura. Era um revolucionário, não de fora para dentro da instituição. De dentro...

**Danila:** Para fora... E como que ele pensou a organização da JUFRA? Ele chegou a comentar com o senhor? Eu ouvi comentários de que ele usou a sociologia do Rubbo Müller.

**Frei Moacir:** Sim.

**Danila:** Ele contou para o senhor como que ele estava pensando...

**Frei Moacir:** Exatamente... Então, ele partiu, digamos, do sociólogo e disse: “ele me dá dicas de como colocar o pensamento que eu tenho para que seja de renovação de uma ordem”. Então, ele usou o método de baixo para cima. Ele vai conduzindo através das três etapas para um momento em que o jovem faz a opção. Ele não vai fazer porque é institucionalizado, mas porque é livre. Entendeu? Isso vale para ser frei, noviciado ou não, e para o jovem que vai para a universidade. Mas, ele vai liberto. Então, na medida

em que se liberta uma pessoa, ela vai ser libertadora, vai influenciar na sociedade, vai influenciar em todos os campos...

**Boni:** Libertação em que sentido Frei? Em sentido de pensamento? Em que sentido o senhor fala...

**Frei Moacir:** Postura, mentalidade... O meu modo de proceder é eloquente. Quer dizer, eu faço uma opção. “Esta é a que eu creio”. Não se torna pessoa facilmente manobrável, alienada. Então, ele buscava, no fundo, a desalienação. Quer dizer, da sociedade, igreja e de instituição, desalienar a pessoa para que ela faça a opção. Certamente, ele se valeu de um desses [autores]... Ele lia muito desses homens pensadores que projetam algo. A partir desse método, ele [o Frei Eurico] vai introduzir uma nova mente de ser religioso, de ser leigo, de ser franciscano. No fundo, ele dizia que franciscano não é aquele que está com aquele hábito lá em um convento, não. Franciscano é franciscano em todos os quadrantes. E daí, nasce, depois, a mini-JUFRA. A mini-JUFRA pegava meninos e meninas da faixa dos 8, 10, 12 anos e que os preparava para a JUFRA. Porque a JUFRA começou a influenciar sobre as novas gerações. A mini-JUFRA era muito mais, digamos assim, infantil, porém também educando. Quem cuidava da mini-JUFRA era os jufristas, já, portanto, responsáveis por agir, uma líder, outro e uma pedagoga iam tocando os grupos. Seria uma catequese. Não mais aquela para a primeira comunhão. Uma catequese para ser gente, para ser... Dentro da JUFRA também, olhando para hoje, caberiam não só católicos, ela teria uma visão mais ecumênica. Um luterano e um evangélico, que queiram participar, têm espaço. Na época, não se pensava nisso, mas olhando hoje é. Eu sei agora, porque eu me desliguei um pouco. Mas, eu sei que aqui no Paraná e Santa Catarina temos grupos que são de Juventude Franciscana. E temos os que já tendo passado, na época do Eurico, por essas etapas, hoje estão atuando na história organizadamente ou não. Tanto é verdade, por exemplo, que os seminaristas que passaram, nas últimas décadas, no Seminário Santa Maria em Irati, fazem encontros. O encontro anual é aqui. Por quê? Porque eles estão atuando na história. São famílias e profissionais, mas se encontram de quando em quando não só para recordar o passado, mas para sacar de lá um sopro de vida. No período que era antes disso, quem saísse do seminário, muito mais o padre ou o frei, era segregado, ficava de lado. Hoje tem uma relação muito grande. Este sonho de ter, com menos organização... Tem que ter o mínimo... São pessoas que atuam na história. É um dos ramos da igreja. Os jesuítas fazem do jeito deles. Os maristas na universidade. É interessante, porque nós temos o ramo dos capuchinhos, frades menores e conventuais. O Frei Eurico foi capaz de, por esse método, unir aquilo que era três ramos meio distantes. Não havia muita relação. Inclusive, da parte em que os capuchinhos foi da reforma de 1600, bastante recente. Os menores aceitaram e a coisa progrediu. Então, ele foi capaz de reunir através de freis, paróquias e pela JUFRA, uniram. Então, o Frei Eurico ficava três dias lá em Gaspar [município de Santa Catarina onde tem Frades Menores], por exemplo, com os frades, fundando a JUFRA e um frei junto. Com os conventuais aí em São Paulo...

**Danila:** Aqui [em Curitiba] também tinha [conventuais], na Bom Jesus.

**Frei Moacir:** Ele tinha essa capacidade de ser... O sonho e o ideal que ele colocava era tão grande que dizia: “é ridículo ficarmos brigando por história, por uma diferenciação”.

**Boni:** Buscava uma unidade, uma unidade franciscana...

**Frei Moacir:** Pois é... Brigar por ninharia...

**Danila:** Quando ele foi para Roma estudar, ele não comentou nada com o senhor se ele conheceu a JUFRA lá? Porque a JUFRA da Itália tem como data de fundação, mais ou menos, a década de 1950.

**Frei Moacir:** Sim, eles chamam de Gifra lá.

**Danila:** Será que ele conheceu?

**Frei Moacir:** Talvez, ele tenha tido, digamos, conhecimento, digamos assim, de ouvido. Talvez... Mas ele não seguiu aquele modelo. Ele aculturou para a nossa realidade. Então, ele superou, se é que ele viu alguma coisa, alguns limites que achou que não caberiam para nós. Ele, digamos, aprimorou aqui. Eu vejo, então, que a JUFRA, mais do que formar para ser franciscano secular (OFS – Ordem Franciscana Secular), está formando jovens e pessoas que vão depois espalhar pelo mundo... Na época, se formava para uma ordem com todos morando aqui [no convento], não se saía daqui. Hoje, você se forma e é chamado para Brasília, vai para cá e vai para lá. Então, eu creio que é este ciclo em que o jovem passa por uma vida universitária e tal, mas ele passa por uma visão diferenciada. Isto que vai dar a ele depois a capacidade de ser ele e ela. É aí que tem esta nossa sociedade, porque é o perigo do nosso grupo, que é o risco de hoje, estar aqui – até que estamos juntos, tudo bem – e se fechar. Mas, e a hora que [morrer]... Sabe? Leva alguma coisa? Saudade? Não... A JUFRA seria um formar, desenterrar dons e talentos. A pessoa, para onde for, viva isso aí. Embora, sem rótulo, sem nome nenhum, sem os maiúsculos da vida.

**Boni:** Só para recordar um pouco a trajetória do senhor... O senhor foi ordenado padre, aí teve a formação da faculdade e depois foi ser...

**Frei Moacir:** Até ali, eu tive Filosofia e Teologia...

**Boni:** Filosofia e Teologia...

**Frei Moacir:** Fiz interno, inclusive aqui fiz Teologia. O último ano foi num instituto que se abriu e quem abriu foi um frei. Depois disso, eu fiquei um ano no Seminário Santa Maria. E foi um ano que me observaram, certamente. Então, eu estava fazendo o que? Dando aulas de Geografia, História...

**Boni:** O senhor deu aula lá também, depois da formação do senhor lá no seminário...

**Frei Moacir:** Fiquei um ano lá em Irati...

**Boni:** Santa Maria, Rio Grande do Sul?

**Danila:** Não.

**Frei Moacir:** Não, Santa Maria... Seminário Santa Maria em Irati.

**Boni:** Ah, em Irati.

**Frei Moacir:** Hoje é faculdade, universidade...

**Danila:** Isso.

**Frei Moacir:** Que foi uma grande coisa... Passou-se aquilo para os jovens, para a região e para os municípios ali.

**Boni:** Depois, o senhor foi professor...

**Frei Moacir:** Depois deste ano, que eles ficaram me observando, me vendo, disseram: “então, você vai fazer curso posterior”. Eu fui para Florianópolis e outro veio para cá. O Frei Andrino Fração desistiu. Eu fiz quatro anos lá e dali que eu fui reencontrar com o Frei Eurico. O Frei Eurico era músico, era cantor. Ele dirigia o coral aqui em cima.

**Boni:** O senhor encontrou pela primeira vez ele onde?

**Frei Moacir:** Como estudante.

**Boni:** Como estudante lá em Santa Catarina ainda...

**Frei Moacir:** Não, foi aqui na Teologia.

**Boni:** Na Teologia...

**Frei Moacir:** Aqui que eu o encontrei e convivi com ele os poucos anos do seminário, porque ele saiu mais cedo e eu fiquei mais 4 anos.

**Boni:** Aqui em Curitiba?

**Frei Moacir:** Não, lá em Irati.

**Boni:** Lá em Irati. Vocês se viram lá pela primeira vez.

**Frei Moacir:** Ele foi para o noviciado e eu demorei mais dois ou três anos.

**Boni:** Daquela época, o senhor lembra alguma coisa dele? Ou muito pouco...

**Frei Moacir:** Não, porque os últimos anos era meio que separado...

**Boni:** Separado né...

**Frei Moacir:** Era por turma: a turma dos pequenos, dos médios e dos maiores.

**Boni:** O senhor lembra algo assim de chegar a ver ele, conversar ou alguma coisa?

**Frei Moacir:** Muito pouco.

**Boni:** Muito pouco... Uma coisa ou outra de convivência né...

**Frei Moacir:** É. A convivência mesmo foi depois que ele voltou de Roma, depois que eu voltei das universidades e entramos em 1972...

**Boni:** No seminário [Bom Jesus, em Ponta Grossa/PR], como professores em 1972...

**Frei Moacir:** De 1972 a 1977.

**Boni:** Até 1977... Esse período que vocês foram professores lá...

**Frei Moacir:** Isso. Só que, daí, ele continuou mais para a SEARA e eu fui para Roma fazer, então, o curso de Direito.

**Boni:** Hum... O senhor foi fazer Direito lá também...

**Frei Moacir:** Com os jesuítas da Gregoriana [Pontifícia Universidade Gregoriana]. Eu fiquei lá no ano de 1978, 1979 e, em 1980, eu voltei. Mas, ele [Frei Eurico] já estava totalmente dedicado à SEARA. Aí eu fiquei como superior [da província] de 1989 a 1992. Quando eu voltei de lá [de Roma], eu fiquei pouco lá na Filosofia [no Seminário Bom Jesus em Ponta Grossa] e fui ensinar Teologia em Londrina e aqui [em Curitiba]. Em 1990, 1991, que eu era o superior, aí que o Eurico veio a falecer.

**Boni:** Foi em 1991 que ele faleceu né?

**Frei Moacir:** 1991 que foi?

**Danila:** Não tenho certeza...

**Frei Moacir:** Foi em 1990, 1991... Eu fui recebê-lo na portaria do hospital.

**Boni:** Já falecido...

**Frei Moacir:** Uhum...

**Boni:** E o que vocês trocavam de referências?

**Frei Moacir:** Essa nossa convivência de 5, 7 anos, foi tão intensa que eu me sentia como uma das asas dele.

**Boni:** Ah é...

**Frei Moacir:** É. Porque ele tinha ideais... “Eu vou acabar com...”. “Não, calma. Dá para conciliar”.

**Boni:** Acabar? [risos] Com o que ele queria acabar? [risos]

**Frei Moacir:** “Você precisa sair da ordem para...” E isso fez bem, porque, depois, como superior, ele me buscava muito para, como se diz, conduzir. Finalmente, ele foi velado aqui [nas Mercês] e sepultado lá no eremitério. Lá que ele tem o... Não, foi sepultado em Botiatuba [bairro de Almirante Tamandaré/PR] receberam o crânio dele [na SEARA]. Eu estava lá na capela. Então, ou veremos esse casamento entre a SEARA...

Porque, se tivesse deixado, ela ficaria ao léu. E, aí, então, hoje, continua a SEARA e com a assistência do Frei Lovato. Tem no Paraguai... Então, a SEARA, praticamente, é esposada com a província.

**Boni:** A irmã Maria Lúcia contou que eles têm em Goiás também... Tem em alguns lugares no Brasil...

**Frei Moacir:** Tem... É forte na Bahia, nordeste... Ela [a SEARA] adquiriu, digamos, foro nacional, mas já com uma organização nova.

**Danila:** Como era a relação da JUFRA com a OFS nesse período?

**Frei Moacir:** Em algumas fraternidades, bem vinda. “Nossa esperança”. “Vamos ter renovação”. Em outras, fechamento. Ignorava. “Não é nossa filha”. “Não é nossa irmã”. Mas isso dependia muito, digamos, do modelo de fraternidade, que não conduzia tanto... Então, por um lado, bem vinda para as ordens constituídas e grupos também que não aceitavam.

**Boni:** O senhor acha que tinha relação com essa...

**Frei Moacir:** Só porque eles tinham medo que ela [a JUFRA] entrasse para...

**Danila:** Para bagunçar...

**Frei Moacir:** É...

**Boni:** O senhor acha que tem relação com aquilo que o senhor falou que a OFS foi criando... Quero dizer, a gente interpretou que a OFS foi criando uma característica mais corporativa...

**Frei Moacir:** É... Confraria... Uhum.

**Boni:** Confraria. Foi criando essa característica. O senhor acha que tem relação com ver a JUFRA com maus olhos ou alguma coisa assim?

**Frei Moacir:** Tem, sem dúvida. Embora, inconsciente.

**Boni:** Ah, sim...

**Frei Moacir:** Porque as pessoas humildes, pequenas, se servem da estrutura para se firmar. Quando a estrutura mina, deve ter trampolim para avançar. Esta é a mudança que o Frei [Eurico] tinha em mente. Tanto que a nova geração que ele formou, naqueles anos de 1970 a 1978, é uma geração de freis que... Eu sou da geração anterior. Eu tive a graça de viver com essa, digamos, vivência e reflexão diferenciada. Mas a geração anterior... Estamos aí, com 75 e 80 anos, na frente de batalha. Há uma geração posterior que fraquejou. Então, digamos, as mudanças dos sistemas políticos e eclesiais acabam afetando as pessoas.

**Danila:** O momento político daquela época teve alguma influência na JUFRA?

**Frei Moacir:** Se houve, houve uma espécie de inibição da parte do sistema. Mas, por outro lado, acho que foi fortalecimento... Embora, não se mexesse na questão... Não se mexia na questão política da época ou dos militares... Não, não se mexia nisso. E os cursos, esses três dias ali, trabalhavam sobre a personalidade e a pessoa... Então, eu creio que o próprio regime da época acabou por libertar a pessoa dentro e não criar liberdades para fora, porque era opressão. Os jovens eram perseguidos, eram presos, eram torturados...

**Boni:** Tinham pessoas ouvindo lá, ouvidores, escutas [nas reuniões da JUFRA]...

**Frei Moacir:** Exatamente... Então, não se mexia, não se questionava isso aí. Propunha-se ter uma mentalidade um pouco mais aberta de sentido e dialogal. O radicalismo sempre é...

**Danila:** Perigoso... Tem um documento do DEOPS, do processo de investigação da JUFRA. Eu fiz entrevista com a Maria de Paula e ela me contou que veio aqui em Curitiba no escritório do DEOPS. Foi chamada.

**Frei Moacir:** Foi e eles [os agentes do DEOPS] perceberam que não tinha nada a ver, digamos, com contra-revolução. Porém, eles têm medo, porque não querem pessoas que pensam.

**Danila:** Sim... Nos documentos do DEOPS tem os materiais anexados.

**Frei Moacir:** Então, indiretamente, eu diria que preparou-se uma geração para superar um trauma. Toda revolução é traumática. E, claro, eles foram chamados aqui para o quinto. Foram fazer o que? Mostraram o material. Se eles [os agentes do DEOPS] leram aquilo, não entenderam quase nada. No fim, isso foi bom para nós. “Se não está fazendo bem, mal também não está”. Liberaram eles...

**Todos:** [risos].

**Frei Moacir:** Nasceu, exatamente, num momento da nossa história um pouco... uma machucadura.

**Boni:** Por isso, um pouco libertadora... Porque um espaço de discussão...

**Frei Moacir:** Para eles [os agentes do DEOPS], representava o perigo do comunismo. O medo que eles tinham é que se tivesse treinando as pessoas para uma linha mais social, mas não marxista. Foram vasculhar tudo, quais eram as fontes e de onde vinha. Foram ver que não era de Marx. É muito mais do evangelho. E o evangelho nem todos entendiam.

**Danila:** É verdade...

**Frei Moacir:** Mas houve sim. Em Ponta Grossa, os jufristas que eram militares, sargentos e tal que estavam ali para [espionar]... Passavam todo o treinamento para o comandante. O comandante dizia: “é isso?” Eles: “é”. Sentia [o comandante] que não tinha nada de oposição... O objetivo era fazer uma atualização do ideal de Francisco

para os nossos dias. Esse era o sonho principal dentro de uma igreja que estava em ebulição.

**Boni:** Quais eram as referências além do evangelho e da sociologia do Rubbo Miller? O que vocês comentavam na época...

**Frei Moacir:** Quando chegava na terceira etapa, aí entrava mais a questão, assim, digamos, bíblica e evangélica. A primeira etapa era só a parte da pessoa se disciplinar para viver em sociedade, em grupo.

**Boni:** Ah, sim...

**Danila:** Ele [o Frei Eurico] lia bastante psicologia...

**Frei Moacir:** Muita psicologia... Ele era psicólogo, sociólogo, filósofo, teólogo, espiritualista...

**Danila:** O senhor lembra quais autores que ele lia mais para escrever esse material da JUFRA?

**Frei Moacir:** Olha, eu creio que, se ele fez isso, foi em Roma. Agora, o que ele lia e o que ele estudava ali, eu não via muito isso. Mas, muito do que ele fez nasceu com ele. Se, depois, ao escrever, ele tinha que dar uma fundamentação, alguma coisa, talvez... Ele partia de filósofos.

**Boni:** Filosofia clássica também?

**Frei Moacir:** Clássica... Mas ele partia também dos modernos. Ele, mesmo não citando, eu creio que abria... “Ah, isso vem ao encontro do que eu estou pensando”.

**Danila:** É. Nos livros, a gente percebe influência de psicologia, de alguma coisa do Freud, pouca coisa que eu estudei, mas ele não cita de onde ele tirou.

**Frei Moacir:** Não. Ele é um pouco eclético no sentido de captar de um e de outro como um beija-flor. Mas, ele, no fundo, elaborou a ideia própria dele. Ou colocou na prática aquilo que o cara idealizou lá atrás.

**Danila:** E a influência do [Concílio] Vaticano II na JUFRA?

**Frei Moacir:** Bom, a ideia [do Vaticano II] foi total, porque foi uma revolução, digamos, para nós, na América Latina, sair, digamos, debaixo da mesa para fora. Depois, vieram as conferências latino-americanas [Conferências Episcopais Latino-Americanas]. Então, ele [o Frei Eurico] sacou, tirou daquilo que foram os documentos e etc. Mas, para ele, foi a libertação no sentido pessoal dele. Ver uma proposta para os tempos de hoje, porque houve uma espécie de segurar muito a história. E a nossa história [franciscana no Brasil] começou, praticamente, em 1889, com a proclamação da república. Em que houve uma separação de Igreja e Estado que, até então, era de onde as ordens franciscanas nasceram sob a tutela, a do Estado.

**Boni:** Uhum. Até então né.

**Frei Moacir:** Não tanto do ideal franciscano. Então, quando nós passamos a ter uma autonomia, essas ordens ficaram muito mais com os ranços históricos de antes, propriamente. Então, a renovação, ali dentro, foi muito penosa. Trazer a cabeça de um homem e de uma mulher com essa formação para uma nova... O Eurico percebeu que se bater ali [nas velhas estruturas da ordem franciscana] seria malhar ferro frio. Você tem que trabalhar o ferro...

**Boni:** Começar de novo né...

**Danila:** Uhum...

**Frei Moacir:** Uhum... Então, essa abertura da Igreja, como um todo, veio a influenciar o Frei Eurico nesse setor, segmento franciscano de formação dos jovens, futuros freis e os futuros... Não para entrar naquele grupo [dos freis], porque, dificilmente, jovens da JUFRA entraram, um ou outro talvez, nos esquemas antigos. Porque não cabia ou estourava no tal do vinho novo e odre velho. Então, fundaram-se novos núcleos de Ordem Franciscana Secular a partir da JUFRA, onde não existia. Para nós, franciscanos, a extensão do laicato é essa aqui, institucionalizada ou não, mas acabamos colocando uma linha de espiritualidade, entre outras tantas da Igreja, que caracteriza... São os que mais têm. Os franciscanos são os que mais têm seculares ligados à terceira ordem...

**Frei Moacir:** Eu creio... Em quantidade eu não sei...

**Boni:** A gente não sabe o número...

**Danila:** Eu perguntei para o Frei Edson, se ele tinha noção... Até para o Frei Kleber também lá em Ponta Grossa. Se eles tinham noção do número de congregações com carisma franciscano e eles não tinham...

**Frei Moacir:** Isso estourou, acabou estourando atualmente.

**Danila:** Como que o senhor percebe esse carisma franciscano na vida do senhor e na JUFRA?

**Frei Moacir:** Bom, Francisco foi um homem que se entregou totalmente, como Paulo, para que Deus o transformasse, Cristo o transformasse. Então, Ele [Deus], realmente, fez um homenzinho, orelhudo e pequeno, mas que tinha uma dimensão tanto sobre ecologia em 1200 que hoje começam a ser redescobertas. Então, esse modo super-moderno de proceder com a natureza, com as pessoas, com as religiões está sendo retomado hoje com o Papa Francisco. Então, este sonho, este ideal, esta harmonia, este buscar a casa comum, isto vem à tona depois de quase mil anos. E nós, franciscanos, ao longo da História, acabamos sendo, digamos, encapuzados não pelo ideal de Francisco, mas pelo modelo de Igreja, em padres franciscanos. Nosso sonho não seria ter padres, mas, na carência, então, puseram a mão em todos os religiosos e fizeram padres. E o padre, o que é? É uma espécie, digamos, de clericalização do ideal da ordem. E sentimos hoje os efeitos. Formamos e toda a nossa formação é para ser frei, mas o modelo padre também está muito forte, embora que em decadência, o modelo. No futuro, nós teremos padres celibatários por opção, por vocação, que irão ajudar gerando, eu diria, os casais presbíteros - não falo o homem não, mas os casais - que estão na sua

base. Então, ele [o padre] vai ajudando na formação. O modelo de igreja, de paróquia, já está condenado, já está superado. O modelo de igreja paroquial só vem da igreja. Não, os cristãos é que vão para lá onde estão as pessoas. O que se chama hoje de pastorais.

**Boni:** Uhum.

**Frei Moacir:** A pastoral universitária, o que deveria ser? Presença de jovens cristãos que vão fermentando lá dentro, sem alarde. Tem a formação, digamos, cristã nos seus grupos. Então, as pastorais seriam um jeito novo de ser igreja atuante, mexendo na história, provocando a paz, provocando a superação...

**Danila:** Uhum...

**Frei Moacir:** Em Manaus, a capital cresceu demais, são 2 milhões de habitantes.

**Boni:** É muito grande Manaus né...

**Frei Moacir:** E com distrito industrial, mais de 60% dos amazonenses vieram para Manaus, jovens, emprego e estudo. Ali tem fluxo muito grande do sul e do centro ali para cima. Ali, não se criam mais paróquias. Só as clássicas que existem, eu estou em uma delas – na central, bem perto do Teatro Amazonas ali. Quando forem para lá, vocês dão uma entrada na igreja lá. Eu devo estar lá.

**Boni:** Vamos lá visitar o senhor.

**Frei Moacir:** É.... Então, você faz áreas missionárias... Uma grande área com Deus, 60 mil pessoas morando ali. Mas é uma paróquia? Não. Aí tem um padre ou dois, responsáveis, que fazem grupos, núcleos, algumas capelas com autonomia. Então, já é um modelo de transição. Aí, os líderes e ministros formam a sua área e atuam lá, um pouco no modelo, digamos, paroquial, contudo, um novo modelo. O padre vai lá dar assistência aos domingos, formação. Então, é ir onde está o povo, não é chamar o povo para... [dentro]. No sistema onde eu nasci, batia o sino lá – era o único relógio que tinha – e, conforme a batida, sabia... “Morreu alguém”. “Olha a batida! O padre vai chegar”. Então, todo mundo ia para a igreja. Mas era colônia. Esse modelo já... [não existe mais]. Eu nasci nesse modelo. Só que o modelo em que eu nasci era comunidade eclesial de base. O padre vinha para rezar missa. E o povo e os nossos pais cuidavam da parte financeira, econômica... É moderno isso. Eu tenho muito forte essa primeira igreja em que eu vivi. E não tenho dificuldade de mudar. Também foi uma síntese, porque agora a gente vai formando síntese teológica, síntese sociológica e histórica. Então, essa síntese é um acumulo de experiências, de vivências, de aventuras, de debates... A gente vai sintetizando o núcleo né...

**Boni:** A teologia da libertação, qual o impacto dela nessa época que o senhor trabalhava no seminário? Teve algum...

**Frei Moacir:** Foi fantástico. Foi enorme. Nós não percebíamos muito como foi no seminário, mas depois quando vieram os documentos de Medellín, Puebla... Em Santo Domingo já houve uma interferência. São documentos fortíssimos de tradução dos documentos do Vaticano II para a América Latina. No Brasil, explodiu. Na parte espanhola, se retraiu...

**Boni:** Como foi acirramento do momento político para essas ideias?

**Frei Moacir:** Pois é... Mas, aí, essas conferências vinham dizer: “nós temos a nossa dignidade”. Vinham trazer, novamente, à tona o valor. E, portanto, mexeram no sistema mundial dominante. Nós somos o canteiro de algumas obras, mas, sobretudo, de agricultura pan-americana e outros também... E isso [a teologia da libertação] não querem de jeito nenhum. Então, a teologia da libertação começou a mexer com o valor psicossocial de cada etnia. Então, começou a aglutinar as diferentes raças e cores que estão aqui dentro e, claro, isso começou a mexer com os bios. Isso não... E, claro, talvez, ao ver, assim, diante do fenômeno nosso de estagnação, um pouco de exaltação e aí mexeu com o patriarcado...

**Boni:** E o contato do senhor e do Frei Eurico com essas ideias, como era? Vocês chegaram a conversar algo?

**Frei Moacir:** Como?

**Boni:** Vocês chegaram a conversar sobre essas conferências de Puebla, Medellín...

**Frei Moacir:** Nossa... Mas isso era tema de aula.

**Boni:** Tema de aula... Era tema de aula...

**Frei Moacir:** Na Teologia. Toda a impostação da Teologia era a partir da América Latina. Tanto que a América Latina se tornou... Estourou, enquanto a Polônia, de onde viria o Papa João Paulo II, estava oprimida. Então, desequilibrou... A África estava começando [a se libertar]... E a Ásia... Então, né... Quem vê a coisa do global, percebe que tem que manejar um pouco aqui e abafar aqui para poder incendiar lá. Fazer essa [mediação]... Porque a tendência da gente é só pensar no meu e no nosso aqui. E tem que criar um pouco, globalmente... E, globalmente, tem quem, inclusive, manipula. Não digo a Igreja, mas eclesiásticos. Então, a interferência que houve, digamos, para abafar a teologia da libertação foi de influência norte-americana através do cardeal tal e do bispo tal, mas que nunca foi condenada. Não tem porque condenar. Tem que corrigir. Se for olhar Marx, este tem ideais fantásticos. A aplicação de Marx na ex-União Soviética é que foi equivocada. A aplicação do ideal dele foi exagerada. O que acabou fazendo o que? Uma minoria tendo tudo...

**Boni:** Burocrática né...

**Frei Moacir:** E aqui embaixo... Então, foi uma aplicação mal feita. Também o evangelho, se aplicaram mal.

**Boni:** Na JUFRA, o senhor crê também que essas ideias circularam?

**Frei Moacir:** Então, não se centrava diretamente sobre essas questões, até certo ponto do debate. Mas, se aplicava uma maneira de eu, pessoa, poder fazer minhas opções.

**Boni:** Ah, sim. Mais é nesse foco.

**Frei Moacir:** É nesse foco. O foco era formar... Desalienar, desalienar. Claro que esses núcleos, esses foquinhos que foram se fazendo de JUFRA acabaram influenciando

sobre a cidade, sobre a igreja, a universidade. Esta é a maneira estratégica de Deus, de Cristo. Ele não vai se preocupar com o Trump e com o outro lá. Ele está preocupado com as pessoas se organizam, se mostram. Para termos direitos, então, temos que lutar pelos direitos. Mas nós podemos resolver nossas questões. Ou seja, mesmo que não tenhamos aquilo que é de direito. Você acendeu um cigarro, está pagando um imposto. O cara está bebendo cachacinha lá, está pagando imposto. Só que não retorna como antídoto, remédio. Quer dizer, alguém ganha... Então, a pessoa se transformou em que? Objeto.

**Boni:** Uhum.

**Frei Moacir:** Então, esta libertação que tem que se fazer é que a pessoa tenha a sua dignidade. “Ah, eu não vou fumar, porque é proibido”. Não, eu não vou fumar, porque eu tenho a minha convicção. E isto é meio proibido. A própria escola, o nosso sistema escolar, é mais do que educar, induca. Porque educar é tirar o valor da pessoa. “Você tem genialidade para Música. Vai para a Música”. Se tem um cara que... Vai para... Canaliza. Então, a universidade deveria ser um laboratório de... Não, o inducar é de fora para dentro. “Você tem que ser isto. Você tem que ser isto”. “Não, eu quero aquela profissão, porque ganha mais”. Você vê que o critério ao invés de ser: “ah, onde eu vou ajudar a humanidade”. “Ah, mas o meu lugarzinho é pequenino aqui”. Eu estou ajudando aqui, eu estou ajudando o mundo. Quem tem capacidade de abrangência maior, viria a ser a nossa câmara e senadores, deveria se preocupar majoritariamente. Mas é todo um desafio muito grande de humanizar.

**Danila:** Com certeza.

**Frei Moacir:** Então, se fala hoje de humanizar antes de cristianizar.

**Boni:** Uhum. Ultimamente, com o discurso do ódio sendo muito propagado aí, as pessoas querendo acabar com o outro, porque não concordam com o outro...

**Frei Moacir:** Por aí não tem [saída]... Só cria, digamos, o caos. Para eu subir, eu te acabo. “Eu tenho tantas ogivas nucleares aqui e você tem tantas. Olhe.” É a paz armada né. E para sustentar isso aí? Esse dinheiro é desviado para a guerra, para a divisão e não para a paz.

**Boni:** Uhum.

**Danila:** É verdade...

**Frei Moacir:** Bom, tendo, digamos assim... No meu caso, estou... Até os 90 anos, vou estar bastante lúcido ainda. Então, tendo esta, digamos, visão, eu entendo que eu estou lá numa situação, muito mais do que para fazer, para ser. Eu atendo muito as pessoas, ainda, no famoso confessionário. As pessoas não vão para confessar, só vão lá para dizer: “a minha vida está assim”. Confissão não é questão de pecado, é questão de vida. E com duas ou três palavras que uma audição dá, você dá um amanso e a pessoa sai. Este é o processo do ser.

**Boni:** Uhum.

**Frei Moacir:** Com todo o acervo que eu tenho, daí é fácil complicar, perceber onde a pessoa está no plano psicológico, familiar. Então, se dá uma acolhida e, ao mesmo tempo, uma... Tem casos de pessoas que estão aí há seis, sete meses com psicólogo e com psiquiatra e não [resolve]... Porque a pessoa não consegue ter uma... Entra em desespero. Eu não posso ser apenas o profissional do sacramento. Eu tenho que ser um pouco psicólogo, sociólogo, entender de família, entender de coisas de hoje. As pessoas vem destroçadas, às vezes. A gente ajuda a salvar e a recompor. Então, é uma atuação, digamos, clandestina, no bom sentido. E, se essa pessoa, ela chega na sua família, no seu trabalho e começa a transformar. Você quer mais isso?

**Danila:** [sinal afirmativo]